

**“O RESPONSÁVEL FINAL PELA CENSURA NÃO TEM  
CARA PRÓPRIA: CHAMA-SE AUDIÊNCIA”:  
LESBIANIDADES, MÍDIA E PRECONCEITO. UM ESTUDO  
SOBRE TORRE DE BABEL E BABILÔNIA**

**"THE ONE ULTIMATELY RESPONSIBLE FOR  
CENSORSHIP HAS NO FACE OF ITS OWN: IT IS  
CALLED THE AUDIENCE": LESBIANISM, MEDIA AND  
PREJUDICE. A STUDY ON TORRE DE BABEL AND  
BABILÔNIA**

Maiara Sanches LEITE\*

**Resumo:** Partindo dos conceitos de gênero e discurso, o presente artigo propõe abordar como mulheres que firmam sua sexualidade sob uma lógica diferente da heterossexual são representadas em duas novelas da televisão brasileira uma da década de 1990, 'Torre de Babel' (1998), e outra da década de 2010, pela novela 'Babilônia' (2015). A partir do levantamento e análise de matérias e comentários de jornais buscou-se relacionar a crítica teórica com a produção de estereótipos de gênero e de sexualidade a respeito dessas personagens, assim como, a repercussão na mídia sobre os folhetins, e conseqüentemente, o apelo social que as personagens possuíam. Desse modo, observou-se que embora houvesse apoio por parte da mídia e da opinião popular, a baixa audiência, e os diversos problemas enfrentados pelas produções dificultou a visibilização da pauta das mulheres lésbicas na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, Mulheres, Mídia, Censura, Preconceito.

**Abstract:** Based on the concepts of gender and discourse, this article proposes to address how women who establish their sexuality under a logic different from heterosexuality are represented in two novels of Brazilian television, one from the 1990s, 'Tower of Babel' (1998), and another from the 2010s, by the novel 'Babilônia' (2015). From the survey and analysis of articles and comments from newspapers, we sought to relate the theoretical criticism with the production of gender stereotypes and sexuality about these characters, as well as the repercussion in the media about the novels, and consequently, the social appeal that the characters had. Thus, it was observed that although there was support from the media and popular opinion, the low audience and the various problems faced by the productions made it difficult to make the agenda of lesbian women visible in Brazilian society.

**Keywords:** Homosexuality, Women, Mídia, Censur, Prejudice.

### *Introdução*

A homossexualidade feminina começou a ser retratada na TV brasileira a partir da década de 1980 com a novela 'Vale Tudo' de 1988. Segundo (COLLING, 2007, p. 8):

---

\* Mestra em Planejamento Urbano e Regional pelo Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba – PLUR/UNIVAP, São José dos Campos – SP, Brasil. E-mail: maiarasanches12@gmail.com.

A partir da década de 1980 os gays e lésbicas começaram a aparecer com mais intensidade nas telenovelas da Globo e provocaram, sempre, muita polêmica e pontos no Ibope”. Em ‘Vale Tudo’, houve um casal homossexual, porém tão discreto que o autor afirma que “possivelmente, parte do público sequer percebeu que se tratava de um casal lésbico.

Com a reabertura política e redemocratização pós Ditadura Civil-Militar (1964 – 1985), diminuiu a interferência do Estado sobre as produções televisivas, a censura militar não controlava a mídia como antes, e a partir dessa possibilidade de tratar sobre a homossexualidade sem qualquer ameaça de retaliação por parte dos militares, a Rede Globo, e conseqüentemente seus autores, investiram mais e com mais objetividade – no sentido de revelar tal orientação, e não somente sugeri-la – nesse tipo de abordagem relacionada à dissidência erótica.

Mas o fim da censura imposta pelo DOPS (Departamento de Ordem e Política Social) não significou o fim das repressões, pois, as novelas sofreram cerceamentos externos. De acordo com o jornal Folha de S. Paulo (1998), “o responsável final pela censura não tem cara própria: chama-se audiência [...] A censura não partiu de um funcionário público obscurantista, mas da tirania do mercado, o grande inquisidor da atualidade”.

O diálogo entre interlocutor e ouvinte, a partir do fim da imposição dos militares passou a ocorrer de modo diferente, o que modificou as relações e a emergência de alguns temas, como o da homossexualidade, e se tornaram pauta importante nas telenovelas. Do mesmo modo, a forma como o comportamento homossexual, e as relações homoafetivas eram tratadas, foram se fortalecendo e se modificando entre as décadas de 1990 e 2000.

As personagens lésbicas não tiveram destaque considerável na televisão brasileira, justamente, até Leila (Silvia Pfeifer) e Rafaela (Christiane Torloni) de Torre de Babel (1998). Pode-se considerar, no entanto, as discretas personagens Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Christina Prochaska) de Vale Tudo (1988), que, inclusive, ficaram esquecidas no imaginário coletivo, pois, pouco foi abordado dessa relação, e parte do público, nem sequer existiu.

A partir dessas considerações, busca-se abordar e problematizar como mulheres que firmam sua sexualidade sob uma lógica diferente da heterossexual são representadas na mídia, partindo de conceitos de discurso e dos debates sobre gênero e heteronormatividade levantados por teóricos pós-estruturalistas, levando em consideração dois momentos históricos distintos, a década de 1990 e de 2010.

Como metodologia, os objetos de análise foram duas novelas brasileiras, são elas: Torre de Babel (1998) e Babilônia (2015), o que nos permitiu compreender as possíveis transformações históricas nas representações sociais a respeito das mulheres que vivenciam o homoerotismo. As representações sociais poderão ser observadas com o levantamento e análise de matérias e comentários de dois jornais, "O Globo" e "Folha de S. Paulo", a partir dos quais buscou-se relacionar a crítica teórica com a produção de estereótipos de gênero e de sexualidade a respeito das personagens das novelas.

O jornal Folha de S. Paulo, pertencente ao Grupo Folha, é um dos veículos impressos mais importantes atualmente no Brasil, o primeiro jornal foi o Folha da Manhã fundado em 1921, e após outros periódicos ligados ao grupo, como Folha da Noite e Folha da Tarde, finalmente fundiram-se todos na Folha de S. Paulo. Faz-se particularmente interessante essa análise pela complexidade sobrepujante do jornal, segundo (PIRES, 2007, p, 1) “tem um significado particular na imprensa brasileira, dada a complexidade da história da empresa marcada por diferentes proprietários e defesas políticas diferenciadas”.

Já O Globo, tem o seu histórico colocado de um modo diferente, fundado em 1925, o jornal é o que possui maior número de tiragens atualmente, de ideologia liberal, teve sempre grande atuação política, defendendo principalmente o liberalismo econômico.

A partir de uma leitura crítica dos conteúdos midiáticos, são problematizados a construção de preconceitos e estereótipos, bem como a própria representação social de mulheres que vivenciam o homoerotismo em uma sociedade heteronormativa ocidental, como a brasileira. Ou seja, o imaginário social que impõe valores relacionados tanto ao gênero, como a sexualidade, e dentro dessa ordem considerada ideal, os indivíduos devem se comportar de acordo com os padrões heterossexuais, ditos como normais.

### *O poder do discurso e a construção dos estereótipos na mídia*

Durante o período pós ditadura civil-militar no Brasil, houve, com efeito, novas tentativas de abordagens na mídia, de um modo geral, em relação à homossexualidade, o que se consolidou como “visibilidade positiva” (FRANÇA, 2006). Essa visibilidade, ajudou os homossexuais, sobretudo, homens, a saírem dos guetos marginalizados socialmente, para se apropriarem de outros espaços, principalmente os de consumo, e assim, constituírem territórios gays, em especial nas grandes cidades (LEITE, 2019). Esses territórios, formados por meio do consumo, asseguraram, em muitos casos, o

direito às vivências homoeróticas que fugiam à norma social. Foi nesse escopo, do início da década de 1990 ao início do século XXI que os homossexuais puderam afirmar suas identidades, ou seja, através do consumo e do poder aquisitivo (LEITE, 2019).

Nesse sentido, as produções midiáticas, sobretudo as novelas, priorizaram a discussão sobre a homossexualidade, primeiramente a masculina, depois, a feminina. No entanto, é possível observar que em um primeiro momento, eram representações afetadas e estereotipadas, e somente em meados da década de 1990, que houve uma mudança de abordagem das personagens homossexuais, com as personagens Sandro (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) (PERET, 2005). Esses discursos que permeiam a homossexualidade são apresentados de formas diferentes, ora mais explícita, ora menos explícita, no entanto, em grande parte das novelas existe um “cuidado”, com *o que*, e *o como* se fala sobre o assunto.

Para Foucault (1996), a disciplina nesse caso, é uma das principais ferramentas no controle sobre o discurso, pois, ela fixa identidades e define papéis. É de acordo com esses papéis que são produzidas as sociedades do discurso, que tendem a limitar e organizar o que e quem fala, e desse mesmo modo, entender os mecanismos de exclusão, e os excluídos, como os homossexuais. A censura no discurso e nas práticas, dentro dos folhetins, ocorre, doravante, com a justificativa de não “chocar” o público mais conservador, e, conseqüentemente, para não perder audiência, que é o que determina o sucesso e o fracasso de determinada produção. Os micropoderes, aos quais Foucault (2015) afirma, estão intrinsecamente relacionados à sexualidade, e a censura nessa sociedade ocidental. Para o autor, esses discursos agem na produção de verdades, pois,

constituem o corpo social e estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade (FOUCAULT, 2015, p. 101).

Sexualidade, para Foucault (2015) é, sobretudo, os discursos e a regulação que a constituem, são mecanismos de diferentes esferas que organizam as formas de inclusão/exclusão, visibilidade/invisibilidade, e, portanto, se caracteriza como um dispositivo histórico. No caso da homossexualidade feminina, considera-se, ainda, a invisibilidade histórica e social das mulheres, e as torna objetos dos desejos e práticas dos homens. Wittig (2002), questiona não somente as definições de sexualidade, como

as de gênero, pois, para ela, tais definições são imposições heteronormativas, que pouco acrescentam nas vivências das lésbicas, e que, embora, sejam invisibilizadas por essa condição, elas “escapam” da dominação masculina, pelo fato de não se relacionarem romanticamente com homens.

Os estereótipos na mídia correspondem apelos de consumo, que derivam de diferentes tecnologias e décadas distintas, mas que se conectam pelo objetivo de atingir determinados públicos. Em um folhetim, observa-se que tanto cultura, como a mercadoria se misturam, justamente para elaborar um produto palatável ao consumidor final, no caso, o telespectador. Esse imaginário popular, muitas vezes relacionado à dicotomia proposta, como bem/mal herói/vilão, definem as perspectivas e as abordagens, que auxiliam na construção do estereótipo. Ou seja, as novelas tanto produzem, como reproduzem identidades sociais (PERET, 2005). Como o autor menciona, “nas telenovelas brasileiras, a incidência de personagens homossexuais aumentou ao longo dos anos. Seus modelos, tipos e atitudes foram se adaptando à maneira de ver dos espectadores e aos objetivos da emissora” (PERET, 2005, p. 35).

Portanto, esses padrões que definem a construção dos discursos em torno da sexualidade, dos mecanismos de exclusão, assim como, da formação dos estereótipos das personagens, são definidos por apelos midiáticos de consumo. Estes, variam de acordo com a sociedade em questão, e, sobretudo, com o contexto político-cultural ao qual essa sociedade, e conseqüentemente o folhetim estão diretamente inseridos.

#### *Entre a censura televisiva e a visibilidade: Os jornais Folha de São Paulo e O Globo*

Optou-se por discutir as novelas Torre de Babel (1998) e Babilônia (2015), pelos significados sociais que ambas mostraram, além do que, essa repercussão que a mídia carrega, se torna importante para uma análise sobre preconceitos e estereótipos que ainda estão presentes em nosso país, e as novelas, com o poder de disseminar informações e opiniões são fontes imprescindíveis para tal estudo.

Quando se decidiu por analisá-las, houve um estudo prévio relacionado às representações de estereótipo e heteronormatização das personagens contidas nas produções da Rede Globo, houve também a posição na qual as personagens estavam inseridas, ou seja, como lésbicas assumidas desde o início da trama e um casal homoerótico dentro de uma união estável, observou-se os mesmos comportamentos tanto em Torre de Babel, quanto em Babilônia. No entanto, com diferenças temporais,

as quais são colocadas como cerne da discussão, pois, “os tempos mudaram”, de 1998 a 2015, pelo menos no que diz respeito às conquistas judiciais dessa população.

Para tal análise, utilizar-se-á os jornais de modo a contribuir com uma parte do que a opinião pública da época reproduziu em relação às polêmicas provocadas por ambas as novelas, com discussões diferentes, porém com finalidades que se assemelham; a fim de conceder maior visibilidade aos LGBTQIA+, nesse caso especificamente as lésbicas e mulheres. Visibilidade que de acordo com TOLEDO (2008) era quase nula, principalmente se a discussão ocorria em torno de mulheres dissidentes eróticas.

As pesquisas científicas sobre lésbicas ou mulheres com relações/práticas homoeróticas são escassas e trabalhos que tinham como objeto específico a homossexualidade de mulheres são mais recentes, tendo muitos deles despontado apenas nos últimos anos, fato contribuído pelo crescimento dos movimentos sociais. Observamos entre os vários aspectos presentes nos jornais, que houve uma diferença de abordagem entre Folha de S. Paulo e O Globo. O jornal carioca insistiu principalmente em 1998 em destacar os pontos positivos, anulando e relativizando os problemas de audiência, enfrentados pela novela Torre de Babel, frequentemente atribuídos à presença de tramas que “assustaram a família brasileira”. O Globo optou por seguir uma linha atenuante e muitas vezes nos pareceu pouco enfático no que se refere às discussões sociais, que ambas as novelas trouxeram ao público, e que deveriam, se não ocupar o primeiro caderno – algo que é justificável, pois, isso não acontece com frequência – nem mesmo se alongou em seu caderno de entretenimento.

No entanto, é significativo, principalmente em 1998, com Torre de Babel, as cartas enviadas ao jornal, os telespectadores expõem sua opinião, na maioria das vezes, defendendo a trama “violenta”, já que a novela abordava também o uso de drogas por jovens de classe média, trazendo à tona uma realidade invisibilizada na sociedade. Nas cartas enviadas pelos telespectadores, um deles cita, em um discurso positivo, a inserção de personagens que retratem uma realidade mais plausível.

Gostaria de dizer ao autor Silvio de Abreu que a novela ‘Torre de Babel’ é ótima. Além de a história ser envolvente, o elenco todo está trabalhando muito bem. É ridículo o autor ter que mudar todas as tramas porque o público não aceita ver a realidade. Violência, homossexualismo e drogas estão presentes em qualquer lugar. Às vezes até dentro da nossa casa (19 jul 1998 O GLOBO).

À abordagem e visibilidade do casal Leila e Rafaela, como por exemplo, essa carta enviada por uma telespectadora, que defende também a continuidade do casal.

“Achamos o máximo a relação de Rafaela e Leila em ‘Torre de Babel. Por isso, não queremos a morte da Rafaela na explosão do shopping. Será que não dá tempo de o autor mudar a trama? Se não der tudo bem...pelo menos fica registrada a nossa reivindicação.” A telespectadora se refere somente a morte de Rafaela que estava prevista desde o início da trama, e Leila no entanto, iria se relacionar com outra personagem, porém, o autor decidiu, segundo a Folha de S. Paulo, devido as pressões externas, “explodir” as duas personagens.

Havia também, como é de se esperar em uma sociedade democrática, opiniões contrárias a continuidade, ou mesmo a existência de ambas as personagens como casal em uma união estável. “Estou indignada com a novela ‘Torre de babel’, da Rede Globo. É um absurdo que as pessoas achem normal as cenas de homossexualismo e violência”. Outro exemplo, foi uma matéria de 3 de maio de 1998 (antes da estreia da novela), que afirmou haver uma central de pesquisas na emissora, a fim de analisar as reações do público, algo que atualmente está mais relacionado às reações em mídias sociais como Twitter e Facebook.

Foi feita uma pesquisa entre telespectadores, que influenciam no perfil das personagens de novelas, o jornal também afirma que a emissora possuía uma central de pesquisas para avaliar o “recall” de seus programas. Nessas pesquisas, Silvio de Abreu coloca que elas não o aconselhavam a tratar da homossexualidade em A Próxima Vítima. “A pesquisa dizia que eles não deveriam ser homossexuais por causa do estereótipo de homossexual marginal”. E o autor ainda se viu obrigado a “peitar a sociedade”, com o casal de lésbicas de Torre de Babel que já criava polemica antes mesmo de vir ao ar. “já há pessoas ligando diariamente para a Globo, reclamando da Christiane Torloni e da Silvia Pfeifer (que viverão um casal homossexual em Torre de Babel) (3 mai 1998, FOLHA DE SP).

O jornal Folha de S. Paulo demonstrou comportamentos semelhantes em ambos os casos 1998 e 2015, não exatamente sendo imparcial, no sentido de que suas matérias defendiam os casais e o “novo tipo de família”, como no caso de Estela e Teresa em Babilônia. É interessante ressaltar a tomada de posição contra a “explosão” das personagens lésbicas em Torre de Babel, o qual o jornal atribui a uma explosão conservadora.

A Globo capitulou, após inúmeras pressões de segmentos da sociedade contra os supostos abusos da novela Torre de Babel, a emissora decidiu ‘enquadrar’ a trama suavizando, ou eliminando alguns dos personagens polêmicos que ela continha. Os ‘excessos’ de Torre de Babel desencadearam uma verdadeira cruzada em favor da moral e dos bons costumes. Setores da chamada direita da sociedade elaboraram moções de repúdio aos temas abordados na novela, como o lesbianismo, as drogas e a violência. [...] com uma serie de ‘pecadores’ em sua história a novela teve sua trama ajustada. E como

os autores fizeram isso? Matando todos os ‘maus’ na explosão do shopping [...] nenhum pecado, no entanto, teve tanta repercussão e gerou ataques tão veementes quanto o do casal de lésbicas da trama. Rafaela e Leila chocaram o público por serem mulheres bonitas, bem-sucedidas, inteligentes e manterem um relacionamento homossexual estável [...] o casal homossexual era bem-visto pela sociedade. Mesmo assim gerou burburinho e protestos como o da TFP (Tradição, família e Prosperidade) e a Associação de colégios particulares de São Paulo (12 jul 1998 FOLHA de SÃO PAULO).

Em Babilônia não observamos o espaço designado às cartas dos telespectadores, ou em alguns casos, um espaço muito menor, isso provavelmente aconteceu pela adesão da massa às redes sociais e ao próprio formato digital dos jornais de maior circulação nacional. No entanto, em 2015 há outro tipo de apelo, O Globo cita a “nova família brasileira”, enquanto a Folha de S. Paulo coloca o ‘beijo gay’ do primeiro capítulo como destaque da Folha Ilustrada, seu caderno de entretenimento.

Em meio ao duelo das protagonistas malvadas, o sopro de esperança veio de duas distintas senhorinhas, ambas de 86 anos, que, logo de cara, tascaram um beijaço no horário nobre. A inesperada cena do beijo gay entre as personagens de Teresa e Estela rendeu, além de muita surpresa, repercussão nas redes sociais, nas quais o ato ganhou peso de artilharia direcionada a políticos resistentes a questões LGBT (18 mar 2015 FOLHA de SÃO PAULO).

O jornal ainda destaca o momento de lutas e as conquistas relacionadas aos movimentos LGBTQIA+ dentro do país, e a novela como símbolo. “Elas vão defender com unhas e dentes o direito à ‘nova família’. Elas têm pressa, Babilônia também” (18 mar 2015 FOLHA de SÃO PAULO). A Folha coloca o casal como símbolo de uma “luta” pelos direitos LGBTQIA+, contra aqueles que se opõe a elxs. O jornal opta por enfatizar isso após boicotes – como aconteceu de forma veemente e contínua em Torre de Babel – que Babilônia sofreu após o beijo das personagens. A Folha afirmou ainda que os autores não pretendiam sucumbir às pressões externas, como aconteceu com Silvio de Abreu em 1998.

Principal alvo de uma campanha de boicote à novela Babilônia, Teresa, advogada lésbica vivida por Fernanda Montenegro, dará uma resposta aos críticos nos próximos capítulos da trama [...] apesar da audiência em queda e das críticas em redes sociais, parece ser com “beijinho no ombro” que Globo e autores da novela têm reagido aos protestos contra o folhetim [...] Babilônia estreou com sexo, beijo gay da terceira idade e violência, desde então a novela enfrenta polemicas. No dia 20, a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso emitiu uma nota de repúdio a Babilônia por ter exibido beijos entre Teresa e sua parceira, Estela. O texto, assinado pelo deputado João Campos PSDB-GO afirma que o folhetim tem a clara intenção de “afrontar os cristãos”. E propõe um boicote [...] A campanha da bancada evangélica encontrou resistência e ecos na internet. Há vozes de apoio

ao casal, mas há também quem acredite que a trama ataque os bons costumes (27 mar 2015, FOLHA de SÃO PAULO).

A reportagem ainda destaca que o SBT, canal precursor do “beijo gay” na televisão brasileira, em 2011 com um casal de lésbicas, esqueceu o passado, e estreou a campanha “novela para a família é aqui” (IDEM).

Esse símbolo de luta é constantemente atribuído às personagens de Babilônia (2015), diferentemente do que aconteceu em Torre de Babel (1998), onde a resistência ao “homossexualismo” permeou a discussão que preencheu os noticiários dos jornais. As palavras “luta”, “direitos” e “família”, estão consideravelmente mais presentes nessa narrativa. Há de se destacar, no entanto, que ao longo de sua exibição, em nenhum momento a novela livrou-se dos problemas da audiência, dos congressistas evangélicos e de seus próprios erros, como coloca Mauricio Stycer, em sua coluna na Folha Ilustrada. O beijo entre as personagens significou mais do que somente um beijo gay.

Exibida há duas semanas, a cena causou, como seria de se esperar, enorme alvoroço. Horrorizados, espectadores se declararam ofendidos, enquanto telepastores denunciaram a ‘podridão moral’ da Globo e pediram boicote à Natura, patrocinadora da novela [...] está claro que a rejeição, tanto a espontânea quanto a orquestrada, não é ao beijo [...] mas à sugestão de que o conceito de família deve ser entendido de forma mais ampla do que tradicional [...] Babilônia dá sinais de que está engajada em uma campanha importante para a militância LGBT [...] **trata-se de um passo adiante em um terreno onde as novelas da Globo sempre patinaram** [...] pesa contra a novela, neste início, um resultado no ibope muito abaixo da expectativa. Grupos de discussão estão sendo feitos para ouvir a opinião dos telespectadores. A bandeira de Teresa e Estela, desconfio, corre riscos. Espero estar enganado (29 mar 2015, FOLHA de SÃO PAULO).

Esse depoimento vai ao encontro no que verificamos em Torre de Babel (1998), através ainda da Folha de S. Paulo. O jornal critica veementemente a posição tomada pela Rede Globo, ao ceder às pressões públicas.

Os hereges de Torre de Babel não arderam em fogueiras montadas em praças públicas, como era o hábito nos tribunais da Inquisição; foram pelos ares na explosão do shopping, a fogueira do consumismo dos tempos que ocorrem [...] a rigor, o responsável final pela censura – pois é disso que se trata – não tem cara própria: chama-se audiência [...] dez anos depois Silvio de Abreu não pode dizer a mesma coisa [...] O que havia de tão chocante, agressivo ou preocupante nesse casal de lésbicas perfumadas de shopping center? Que não se veja diariamente nas ruas ou jornais? O que querem, afinal, esses arautos da moralidade? TV educativa? Programas “saudáveis”? então por que é que a audiência da TV Cultura é ridícula comparada a da Rede Globo? [...] seria o caso de perguntar ainda por que a novela está sujeita a constrangimentos e a interditos que não se estendem a outros programas da televisão? Talvez seja porque a novela, instituição da família brasileira, funcione ao mesmo tempo como extensão da vida

das pessoas e espelho idealizado no qual elas podem se refletir. As pessoas não suportam excessos de realidade. O falso realismo lhes serve para correr dela (19 jul 1998, FOLHA de SÃO PAULO).

Percebe-se a indignação consideravelmente maior do jornal paulista no que tangeu a discussão acerca do tema, colocado como tabu, ao tratar da novela, e ainda evidenciando a “suavização” da trama para agradar ao público que rejeitava a novela e a “realidade violenta”. Segundo a Folha, Torre de Babel (1998) mudou sua estrutura, além do destino e caráter dos personagens. PERET (2005) percebe os mesmos significados que o jornal.

Em 1998, “Torre de Babel” causou reações negativas ao mostrar excesso de violência doméstica, assassinatos frios e homossexualidade feminina. A novela despencou na audiência e só se ergueu depois da explosão do shopping, quando o autor matou personagens antipatizados pelo público, inclusive o casal bem-sucedido de lésbicas, Rafaela e Leila. Parecia que a audiência não estava preparada para uma alusão direta e não cômica à homossexualidade. (2005, p, 40).

O Globo dedicou boa parte de suas matérias à novela revolucionária de Silvio de Abreu, pois, havia sido a mais cara em termos de construção espacial da história da emissora, até mesmo pelo cenário do Shopping Center “Tropical Towers”, e ainda havia uma grande expectativa sobre os temas que ela colocaria em pauta. Como por exemplo, nesse caso, em maio de 1998, o jornal destaca a polemica que o casal trará a novela, e as coloca também como um símbolo de sofisticação, ainda que não discorra sobre as personagens de um modo claro, mas sim sobre a novela e a quantia gasta, um recorde à época.

Embora houvesse sobre o casal Rafaela uma grande expectativa, pois seria o primeiro também a estar consolidado como uma união estável, desde o início, diferentemente da postura que autores e emissora procuravam colocar em discussão, preponderantemente com o discurso de “revelação”, que se estendia até os capítulos finais das novelas que obviamente possuíam esse tipo de enredo. Colling (2007, apud. Oliveira, 2002) coloca essa narrativa de revelação como dominante nas novelas da Rede Globo até Torre de Babel, ou seja, a presença dos homossexuais, ou de relações homoafetivas ocorriam de modo consideravelmente discreto, ou, então, com a ideia de “revelação” em que havia o desfecho somente nos últimos capítulos.

É interessante ressaltar ainda, a relação estabelecida pelo jornal O Globo com a novela Torre de Babel, ainda que, como colocamos, atenuante, o jornal evidencia um comportamento extremamente receoso quanto as reações e opiniões públicas, como por exemplo, quando explica a relação do casal na trama.

Elegantes bonitas e ricas, Leila e Rafaela vivem um sólido relacionamento amoroso, as duas personagens prometem dar o que falar em Torre de Babel [...] mas quem espera cenas tórridas vai se decepcionar. **Para não chocar os telespectadores a direção da Rede Globo mandou avisar à equipe que cenas de beijo e frases do tipo ‘eu te amo’ estão terminantemente proibidas. Carinho no rosto também não pode. E, em vez de dividir uma cama de casal, as personagens terão de dormir em camas de solteiro, que, no entanto, ficam no mesmo quarto** (5 abr 1998, O GLOBO, grifo nosso).

Ficou claro, no entanto, uma percepção diferente do que estamos tratando no que se refere à Babilônia, se nesta, o discurso é relacionado à família, as lutas pelos direitos dos LGBT, em 1998, havia certo desconhecimento por parte de muitos sobre o tema, até mesmo quando é colocado o termo “homossexualismo”, ao invés de “homossexualidade”. O jornal traz uma matéria com Christiane Torloni dizendo que “se espanta com o espanto sobre o casal”, assim como diz que o choque das pessoas vem mais com o que imaginam, do que com aquilo que realmente veem. Ainda destaca que o casal é “normal”, pois não tem traços homossexuais, ou seja, são mulheres femininas, elegantes, inteligentes e bem-sucedidas, como qualquer mulher heterossexual pode ser. A atriz ainda afirma que não se pode colocar no mesmo parâmetro drogas, violência e “homossexualismo”, pois, se trata apenas de uma “opção”, e não é uma característica determinante da personagem, e que em muitos países já havia direitos concedidos aos homossexuais.

A atriz ainda continua seu discurso, dizendo que não faria algo “grosseiro”, e que a produção e as atrizes “tomam cuidado para não chocar a família tradicional brasileira”. Uma telespectadora reafirma o que Torloni diz, “o casal homossexual é bem resolvido e feliz, sem aquele estereótipo comum que as pessoas imaginam”. A matéria é concluída dizendo que “beijo e juras de amor foram vetados para evitar problemas” (7 jun 1998, O GLOBO).

Esse discurso heteronormativo está sempre muito presente nas referências às novelas que a Rede Globo produz e que abordam os casais homoafetivos. De acordo com COLLING, (2007, p, 10/11) a novela Torre de Babel tentou manter na trama duas personagens lésbicas (Rafaela e Leila) que formavam um casal desde o início da trama, livres de estereótipos.

No entanto, as duas acabaram sendo literalmente explodidas ainda nos primeiros capítulos, na cena em que o shopping onde as duas trabalhavam veio abaixo. Ou seja, quando um autor opta por iniciar a novela com a revelação já consumada, ele muda ou é forçado a mudar a história. Na época, houve uma grande discussão sobre quem teria matado as lésbicas. De um lado, Abreu defendia que a própria

imprensa teria colaborado em dar uma exposição exagerada às personagens. De outro, líderes gays acusavam a Igreja Católica e outros setores conservadores de terem pressionado a emissora a retirar as duas do ar (COLLING, 2007, p. 10-11).

A heteronormatividade de acordo com TOLEDO (2008, p, 13-14) “pode ser entendida como a heterossexualidade vista como normal e normativa diante de outras formas de vivência das sexualidades”. Essa questão também permeia diversas discussões sobre as novelas da emissora carioca, pois na maioria dos casos e para uma maior aceitação do público, ela opta por retirar quaisquer trejeitos atribuídos somente aos ditos diferentes. Os casais homossexuais pouco se diferem dos heterossexuais, isso ocorre com os personagens não caricatos, todos são bonitos, bem-sucedidos, e na maioria das vezes se vestem bem, e principalmente, pensam em construir uma família, ter ou adotar uma criança, da mesma forma que os casais “normais”. Isso é facilmente notado nas duas novelas, tanto em Babilônia, quanto em Torre de Babel, os casais se diferem somente pelo fato de não haver uma pessoa do sexo masculino na relação, ainda no caso de Teresa e Estela em Babilônia, elas ainda criam o sobrinho de Teresa como neto (COLLING, 2007).

Em junho de 1998, mesmo com esses impasses, havia muita confiança na melhora da audiência, O Globo afirmou que apesar do susto com as cenas violentas da novela, que resultou em baixos índices de audiência, o autor estava confiante que o quadro se reverteria, para tanto, eles trariam mais comédia e romance substituindo as cenas de violência que “inquietaram o público” na semana de estreia. Para que o público se acostumassem com essa realidade, a qual obviamente se incluía o casal Leila e Rafaela, era somente uma questão de tempo. Tempo esse, que não houve.

Foram poucas as ocasiões nas quais, efetivamente, O Globo assume um tom crítico em relação ao conservadorismo dos telespectadores com o casal Leila e Rafaela, mas na edição de 5 de julho de 1998, isso ocorre, sobretudo, com a confirmação de que Leila também iria morrer na fatídica explosão do Tropical Towers.

Leila será sacrificada, mais uma vez por interferência de quem tem a posse do controle remoto. Pela sinopse, após a morte de Rafaela, ela se apaixonaria por Marta (Gloria Menezes). Podia ser que o romance nem se consumasse, mas o público não quis conversa. Reagiu quando soube que haveria a possibilidade de ver Gloria Menezes namorando uma outra mulher na ficção. Diante da indignação geral, a saída foi dar outro destino a Leila. Depois de cogitar várias hipóteses, os autores da trama decidiram eliminá-la. A própria Silvia Pfeifer avisou que preferia sair a ver sua personagem perder a função de discutir o preconceito contra os homossexuais (5 jul 1998, O GLOBO).

Com a mudança que resultou na saída das personagens da novela, a audiência melhorou, seria então, o casal homoerótico Leila e Rafaela quem tanto perturbou a audiência da novela? O Globo atribui o fato às personagens, novamente considerando as dificuldades de Torre de Babel (1998), no entanto, coloca que um mês antes de ocorrer à explosão no shopping, a novela vinha sofrendo com baixos índices de audiência, e o autor e a direção procuravam meios de alterar os índices. Um dos planos era introduzir mais romantismo e comédia em detrimento da violência. Um dos pontos destacados pelo público, negativamente, foi o casal de lésbicas, em virtude do temor de cenas que pudessem “chocar o público”, o casal seria tirado mais tarde da novela, exatamente pela rejeição que sofreu. É curioso, entretanto, que nas cartas que os telespectadores enviavam ao jornal, alguns criticavam o modo como a sociedade de um modo geral estava lidando com o assunto.

Mal começa uma novela e todo mundo já critica. É um absurdo que as pessoas nem esperem para conhecer a trama [...] a história até foi violenta no início, mas não mostrou nada de diferente do nosso dia-a-dia. Para confirmar isso, basta abrir os jornais. O que é revoltante, nesse caso, é as pessoas dizerem que o homossexualismo faz parte dessa violência. Muitos casais homossexuais existem por aí e vivem bem. Os preconceituosos deveriam encarar a realidade e aceitar melhor o amor (5 jul 1998, O GLOBO).

Seguindo o mesmo discurso citado, duas outras telespectadoras elogiaram a atuação de Torloni, e criticaram o fato de que a personagem interpretada pela atriz fosse morta. “A atuação de Christiane Torloni na novela Torre de Babel é impressionante. Tudo que ela faz é maravilhoso. Quero parabenizá-la por sua excelente interpretação. Tomara que Rafaela não morra e fique até o final da trama” (14 jun 1998, O GLOBO). Neste outro depoimento, observa-se, mais uma vez, o acolhimento às personagens,

Em Vale Tudo houve uma interrupção no relacionamento das personagens Lais e Cecilia. A exemplo daquela novela, o autor de Torre de Babel, Silvio de Abreu, também resolveu matar a maravilhosa Rafaela, interpretada pela atriz Christiane Torloni. Gostaríamos de pedir não só ao autor, mas também à direção da trama, que não tire a personagem da trama (14 jun 1998, O GLOBO).

Nas cartas direcionadas ao jornal, também houve críticas severas de pessoas que julgavam absurda a trama do casal, e a abordagem social da novela. “Não consigo entender por que a Rede Globo resolveu nos castigar com a novela Torre de Babel. Não vejo motivo para tanta violência. Chegar em casa, depois de um dia de trabalho, e assistir a cenas tão chocantes. Tomara que essa torre desmorone logo” (14 jun 1998 O GLOBO). Outro espectador afirma sua indignação com a novela. “É um absurdo que as

peessoas achem normal as cenas de homossexualismo e violência [...] é uma vergonha que a Rede Globo deixe chegar a esse ponto” (14 jun 1998 O GLOBO).

Com o fim da novela, em janeiro de 1999, a Folha afirmou que “chega ao fim nesta sexta-feira, Torre de Babel, a novela mais polêmica dos últimos tempos. A trama que começou rocambolescamente realista ao abordar tabus como o homossexualismo e as drogas mudou sua estrutura, além do destino e do caráter dos personagens” (10 jan 1999, FOLHA DE SP). E apesar dos baixos níveis de audiência nos primeiros dois meses, a novela se consolidou, principalmente, na reta final, e foi um dos grandes sucessos da década de 1990 na Rede Globo.

Em 2015, antes do início de Babilônia, havia muitas expectativas em torno do casal formado por Fernanda Montenegro e Natalia Timberg. Ambos os jornais destacam a importância de se tratar do assunto, mas sem polêmica, pelo menos na opinião de Montenegro em entrevista para O Globo em março de 2015. “Polêmico? Não, não tem nada de polêmico. Só vai ser se encontrarmos algum reacionário pela frente”. Ela ainda enfatizou. “e daí? (que é um casal lésbico da terceira idade) existe casal hétero da terceira idade também. Por que não teria um casal gay? É um casal comum, uma família comum, gente!” Observa-se que a postura da atriz difere em relação a de Torloni, que revelou preocupação em fazer algo que não fosse “grosseiro”, para “não assustar a família brasileira” (9 mar 2015, O GLOBO).

O jornal carioca novamente atribui o papel das lutas ao casal, trazendo uma matéria que pontua as novelas e as mudanças ocorridas em relação ao conceito de família, diminuindo a tradição, ou seja, pai-mãe-filhos. Na capa do caderno está o casal Estela e Teresa, que criaram o neto de Estela, como se fosse filho. O Globo ainda afirma que é uma luta importante para se reconhecer diversos tipos de família, já que há resistência no Congresso para que isso de fato, ocorra.

O Globo escreveu poucas matérias dedicadas ao assunto durante os meses em que a novela esteve no ar, porém trouxe uma capa do seu caderno Revista da TV, destacando a hashtag, #nossafamiliaexiste, novamente se referindo, assim como o periódico paulista, às novas famílias “modernas”. Além de evidenciar toda polêmica que a relação estável de duas personagens idosas causaria no público, como por exemplo, afirma que “há tempos não se via um assunto fazer tanto sucesso e repercutir com tanta antecedência como o casal gay que será interpretado por Fernanda Montenegro e Natalia Timberg em Babilônia [...] todo mundo queria saber mais sobre ‘as lésbicas da terceira idade’, maneira pouco elegante como algumas pessoas se referiam às personagens” (22 mar 2015, O GLOBO).

Em entrevista ao jornal O Globo – matéria de Zean Bravo – em maio de 2015, o autor Gilberto Silva diz que o Brasil ficou mais conservador, e na opinião dele, esse seria o motivo pelo qual a novela Babilônia enfrentava baixos índices de audiência. O autor ainda afirma que só houve rejeição ao casal – ele ainda lembra de Torre de Babel – porque as atrizes são ícones da TV e do teatro, do contrário não haveria “chiadeira”.

O beijo que eu escrevi era um selinho. Fernanda que gosta muito da novela sugeriu [...] que fosse um beijo mais longo e romântico. Não chegou a ser um chupão, mas ficou um beijo. Não estou dizendo que a culpa é da Fernanda, porque todos nós vimos e gostamos. Então, todo mundo é responsável, ninguém viu nada demais naquele beijo [...] O Silvio teve problema com lesbianismo em Torre de Babel, mas quando ele fez o Sandrinho (personagem gay em A Próxima Vítima de 1995) não houve problema porque pegou dois atores que não eram ídolos (O GLOBO, 31 maio 2015).

No entanto, apesar de todos os pontos importantes que a novela mostrou à sociedade, como principalmente o conceito novo de família, Babilônia (2015), assim como Torre de Babel (1998) sofreu com a audiência. E na matéria assinada por Patrícia Kogut em agosto de 2015, a colunista cita os pontos que fizeram a trama “dar errado”. A matéria cita os pontos que fizeram com que a novela fracassasse em termos de audiência, um dos fatores, segundo a jornalista, foi o conservadorismo que afetou o casal, “houve de fato uma reação dos evangélicos [...] Os autores decidiram não repetir sequências de carinho entre as duas”. Mesmo que anteriormente afirmassem que nada mudaria em relação ao casal, aconteceu o mesmo com Torre de Babel (1998), por pressões externas, segundo Kogut, os autores cederam ao conservadorismo.

#### *Entre 1990 e 2020: as mudanças sociais e conquistas dxs LGBTQIA+*

O Movimento Homossexual, surgido no final dos anos de 1970 como uma emergência social, tomou diferentes formas, assim como foi incorporado à denominação LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, intersexuais, assexuados, + diversos grupos). O Movimento é um importante protagonista que se faz presente nesse campo das lutas ligadas à sexualidade tanto no plano social, quanto ao identitário. Do mesmo modo, ele não é unívoco, justamente pelo fato de que existem múltiplas identidades, que embora busquem ser visibilizadas, são, com efeito, diferentes. (SIMÕES E FACCHINI, 2009, p. 12). É importante ressaltar que a homossexualidade masculina historicamente é mais visível, como resultado das construções sociais, e dos papéis de gênero socialmente definidos, com essa visibilidade, os estudos sobre o tema,

e até mesmo o caráter do movimento homossexual foram predominantemente masculinos.

Na década de 1990, os direitos homossexuais “floresceram” e tornou-se mais frequente a formação de grupos e associações, sob a égide de uma nova Constituição (1988), a constituição “cidadã”; nesse contexto, a luta LGBTQIA+ se fortaleceu. Assim como, a formação dos territórios de afirmação identitária, aliados ao maior poder de consumo dessa população enriqueceram a pauta no Brasil (LEITE, 2019). Da década de 1990 aos dias atuais a expansão dos espaços de sociabilidade homossexual tomou as características de um mercado segmentado que contribuiu significativamente para produzir novas expressões, simultaneamente comerciais e associativas, da homossexualidade. Uma das inovações mais importantes, nesse sentido, foi a popularização da sigla GLS, para designar Gays, Lésbicas e Simpatizantes (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

A criação de espaços GLS (Gays, Lésbicas, Simpatizantes) nas grandes metrópoles, possibilitou uma combinação entre mercado e militância. Essas relações econômicas, mas também sociais entre as associações homossexuais e o mercado, passaram, sobretudo, a partir da década de 1990, com a consolidação no século XXI, a serem convergentes. Desse modo, “aqueles que apresentam determinados atributos identificáveis por tal ou qual denominação passem a utilizá-la preferencialmente para se identificar como cidadãos e consumidores” (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 149).

No entanto, considera-se como fator importante, embora existam muitas conquistas no campo social e simbólico, a homofobia estrutural que lança mão de diversos tipos de violência as quais os LGBTQIA+ estão diariamente expostos (PEDRA, 2020). A forma como muitos desses indivíduos são vistos na sociedade, demonstra a ineficiência no que se refere a pauta, ainda que a Constituição (1988), e o poder judiciário defenda a liberdade de princípios e ações aos cidadãos brasileiros. Isso deve-se, principalmente ao conservadorismo político do Estado, e ao fato de que o próprio Movimento LGBT não abrange de maneira igual a todos os seus membros. De acordo com Pedra (2020),

O Movimento LGBT é um “movimento guarda-chuva” que abriga uma série de identidades heterogêneas, com demandas plurais e nem sempre harmônicas entre si. Assim, segundo o autor, é normal que nem todos os segmentos e demandas sejam prontas e igualmente acolhidos e assimiláveis pelo Estado, porque existem níveis diferentes de estigmatização social desses grupos, motivo pelo qual os direitos de gays e lésbicas, por exemplo, foram alcançados antes dos de travestis e transexuais (PEDRA, 2020, p. 50).

Ou seja, ao passo em que as pautas LGBTQIA+ estão cada vez mais inclusas em discussões sociais, com o intuito de constituir mais direitos, e de manter os que já estão constituídos, a forma como a sociedade e o Estado visibiliza cada luta é diferente, e depende do nível de estigmatização que cada grupo sofre. Além do que, muitos desses direitos, inclusive o direito à cidade, está intrinsecamente relacionado ao poder aquisitivo, pois, esses indivíduos muitas vezes só se sentem seguros em afirmar sua identidade em territórios homoeróticos, e, na maioria dos casos, em espaços de socialização pagos e deliberadamente GLS ou LGBTQIA+ (LEITE, 2019).

Portanto, é necessário destacar que ao longo desses últimos trinta anos, houve mudanças sociais e culturais significativas, que se estendem às mais diversas esferas sociais. No entanto, houve poucas mudanças de estrutura social, pois, a organização do status quo permanece o mesmo.

### *Conclusão*

Nesse estudo, com enfoque na produção e reprodução de identidades lésbicas na mídia brasileira, buscou-se analisar, como, efetivamente, essas mulheres foram representadas. Além disso, quais foram os efeitos dessas produções na opinião pública, neste caso, pautadas, sobretudo, pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo.

Essa pesquisa tem caráter histórico e social, devido a relevância do tema para a sociedade brasileira, aliado ao fato da invisibilidade e/ou erotização tanto midiática, quanto social, que as mulheres lésbicas enfrentam e enfrentaram ao longo dos séculos, sobretudo no ocidente. Nesse sentido, o estudo buscou pautar não somente as relações homoafetivas entre mulheres na mídia, por meio de telenovelas, como, as reações e opiniões dos espectadores sobre essas relações.

Observa-se que nesses trinta anos, principalmente após a promulgação da Constituição Federal (1988), os LGBTQIA+ obtiveram destaque na mídia, de forma distinta, e mais empática e humanizada. Do mesmo modo, conquistaram direitos que oferecem ao indivíduo LGBTQIA+ o direito, efetivo, de ser cidadão brasileiro, e de poder afirmar sua identidade. No entanto, da mesma forma, também fica evidente que embora mudanças significativas estejam em curso, o preconceito e os estereótipos de gênero e sexualidade continuam presentes no imaginário coletivo, assim como, os diversos tipos de violência que isso causa nessa população.

São consideráveis as mudanças no discurso e na perspectiva dos próprios jornais ao abordarem o tema da homossexualidade no decorrer dos dezessete anos de diferença

entre as produções. Isto é, em ambos os momentos os jornais se mostraram abertos e acolhedores com as pautas, mas havia equívocos em menções e abordagens que em muitos casos mostrava falta de conhecimento sobre o assunto. É notável, sobretudo em Babilônia a ligação entre militância e mídia, o que, por um lado ofereceu suporte social às personagens, e por outro, foi uma das razões pelas quais o público heterossexual e conservador não recebeu positivamente a trama.

Muito embora existam diferenças importantes entre uma novela e outra, e uma recepção positiva dos jornais, tanto em 1998, quanto em 2015; a baixa audiência das novelas e as falhas nas produções dificultaram tanto o sucesso dos folhetins, como a intensificação das discussões em torno das mulheres lésbicas e de suas identidades.

## Referências

BELELI, Iara, “Eles[as] parecem normais”: visibilidade de gays e lésbicas na mídia, *Revista Bagoas*, nº 4, 2009.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Texto publicado na Revista Gênero*, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007 p. 207 a 222.

FOLHA de SÃO PAULO, disponível em <https://acervo.folha.com.br/index.do>, acesso em: jul 2021.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso* trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, edições Loyola, São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, 3ª edição, edição Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2015.

FRANÇA, Isadora L. *Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado na cidade de São Paulo*. 2006. 204f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LEITE, Maiara S. *Direito à cidade, território e territorialidades LGBT no centro da cidade de São Paulo (1988 – 2018)*, Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba, 2019.

O GLOBO, disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>, acesso em jul 2021.

PEDRA, Caio B. *Direitos LGBT: A LGBTfobia e a diversidade sexual e de gênero no direito brasileiro*, 1. ed. - Curitiba: Appris, 2020. 218 p: 23 cm. - (Educação e direitos humanos: diversidade de gênero, sexual e étnico-racial).

PERET, Luiz Eduardo N. *Do armário à tela global: a representação social da homosssexualidade na telenovela brasileira*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2005. p.437.

PERET, Luiz Eduardo N. De “O Rebu” a “América”: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005). *Revista Contemporânea*, n5, 2005.2 p.34-45.

PIRES, Elaine Muniz. Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978/2004). *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 305-313, dez. 2007.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo. 2009.

TOLEDO, Livia Gonsalves. *Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista*. Programa de Pós-Graduação em psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis 2008. p. 235.

WITTING, Monique. O Pensamento Hetero. 1980. Disponível em: <[http://www.geocities.com/girl\\_ilga/documentos.htm](http://www.geocities.com/girl_ilga/documentos.htm)>, Acesso em: jun, 2021.

Artigo recebido em 14 de agosto de 2021.  
Aceito para publicação em 16 de setembro de 2021.